

Fabiana Mendes de Souza¹

Entrevista / Interview

**JOHN SIMS: AS ARTES COMO MEIO PARA
CATARSES ANTIRRACISTAS²**

***JOHN SIMS: ARTS AS A MEANS FOR ANTI-
RACIST CATARSES***

¹ Doutora em Antropologia Social pela UNICAMP. Pesquisadora Independente – arabicam@gmail.com.

² Primeira versão da entrevista foi publicada na revista Omenelik, 2º Ato, junho de 2020. Todos os direitos reservados. <http://www.omenelik2ato.com/artes-plasticas/john-sims-matematica-e-artes-a-servico-das-catarse-anti-racistas>

RESUMO

No texto abaixo apresentamos a entrevista com o artista afro-estadunidense John Sims, que tem trabalhado com a ideia de arte matemática, informada por posicionamentos políticos, como forma de catarse contra o racismo. Sims faz um breve relato sobre sua trajetória e expõe sua visão sobre a situação dos afro-estadunidense em época de visibilização da violência policial em seu país, bem como da triste situação dos negros no enfrentamento ao COVID-19.

PALAVRAS-CHAVE: John Sims, Arte matemática, luta antirracial.

ABSTRACT

In the text below we present the interview with the African-American artist John Sims, who has been working with the idea of mathematical art, informed by political positions, as a way of catharsis against racism. Sims does a brief report about his trajectory and sets out his views on the situation of Afro-Americans at a time when police violence in his country is becoming visible, as well as the sad situation of blacks in the fight against COVID-19.

KEYWORDS: John Sims, Mathematical art, antiracial confrontation.

Há quem diga que as ciências exatas, as humanidades e as artes ocupam espaços distintos e paralelos na produção do conhecimento. O matemático e artista conceitual John Sims¹, nos prova que esse tipo de pensamento é limitado, pois tem se dedicado a unir essas áreas em várias produções e exposições que protagonizou nos últimos anos.

Através da área que cunhou como *MathArt* ou Arte Matemática, produziu uma série de performances, vídeos, filmes experimentais e, no primeiro trimestre de 2020, criou um jogo *online* onde o jogador tem de exterminar o coronavírus, de modo a experimentar certa sensação de agência nessa fase transpassada pelo medo, dúvidas e prostração diante da realidade. As produções de Sims se propõem, desse modo, a romper as barreiras da descrição fria da realidade através da linguagem matemática e de seu posicionamento político, colorindo e dando alma aos processos sociais com auxílio das artes. Trata-se de uma tentativa de extravasar os não ditos do mundo que nos cerca. Assim, busca ampliar as leituras de Pitágoras e Da Vinci, valendo-se da leitura de mundo de nomes como James Baldwin, Richard Pryor, Martin Luther King Jr, Malcom X e Harriet Tubman.

A iconografia da escravidão tem sido um grande mote para a produção artística de Sims, especialmente a bandeira dos confederados, referência à Guerra de Secessão (1861-1865), que dividiu os Estados Unidos entre confederados (estados do sul do país) e União (representada pelos estados do norte). Nessa guerra, os estados do norte, voltados para o avanço da produção industrial, baseada na mão de obra livre e assalariada, rompia com a base escravocrata e de produção agrícola defendida pelos estados do sul do país. Nesse contexto, os confederados passaram a lutar pela manutenção da escravidão, ao passo que o norte lutava pela abolição da mesma. A bandeira dos confederados foi associada a pensamentos e comportamentos racistas e é usada, até os dias atuais, como símbolo de movimentos que pregam a supremacia racial branca, como a Ku Klux Klan, por exemplo. Hoje, nos Estados Unidos da América, hastear tal bandeira pode ser considerado crime de ódio racial em muitos estados.

O crescente interesse na bandeira dos confederados e sua iconografia ganhou corpo nas produções de Sims quando da chacina de Charleston, em 2015, onde o racista Dylann Roof abriu fogo e matou vários afro-estadunidenses em uma igreja da cidade. Na ocasião, John Sims organizou a intervenção denominada *Nationwide Burning* (Queima Nacional)² em que a bandeira dos confederados foi queimada. A mensagem desse ato era: a guerra civil acabou e a supremacia branca será confrontada. Para Sims, a queima da bandeira dos confederados, portanto, é um processo catártico, que objetiva a cura e a transformação das crises raciais no país. Em seus últimos trabalhos, Sims, além da queima da bandeira, tem adotado outra forma de intervenção artística utilizando a mesma bandeira dos confederados, porém, recolorindo-a com as cores do Pan africanismo: vermelho, preto e verde.

Em 2004, John Sims descobre que no Brasil, mais precisamente nas cidades de Americana e Santa Barbara d'Oeste, localizadas no interior paulista, há descendentes

¹ Para ver os trabalhos de John Sims: <http://johnsimspjcts.com/home/>

² Para ver um vídeo sobre essa performance: <https://www.youtube.com/watch?v=eEq9RcaayHo>

de migrantes confederados, que fugiram da guerra civil estadunidense no final do século XIX. Para sua surpresa, esse grupo ainda usa a bandeira como símbolo identitário.

Em 1876, Dom Pedro II, imperador em um Brasil ainda escravagista, visita Washington DC e participa de um evento na Filadélfia. Na ocasião, ele oferece asilo aos confederados, que sofriam com as consequências da derrota na guerra de secessão. O interesse do império era não só a tecnologia do cultivo do algodão, pois os Estados Unidos da época contava com um sistema mais moderno, como também, interessava embranquecer a população do Brasil. Para os confederados, que já haviam perdido totalmente ou boa parte de suas terras na guerra, o Brasil poderia ser um destino interessante pois além dos subsídios que receberiam para se instalarem no país, a região brasileira de destino tinha um clima parecido com os estados do sul estadunidense, além de terra fértil e a disponibilidade de mãos de obra escrava, então proibida nos Estados Unidos. No intervalo de 20 anos, de 1865 a 1885, estima-se que mais de 10 mil confederados entraram no Brasil. Boa parte deles se dirigiu às cidades de Americana e de Santa Bárbara d'Oeste e, alguns, em menor quantidade, para as regiões portuárias de Santos e Rio de Janeiro.

Trimestralmente, os descendentes dos confederados no Brasil, reúnem-se no cemitério do Campo, em Santa Bárbara d'Oeste, onde a Fraternidade Descendência Americana organiza sua festa anual, a Festa Confederada. Neste evento há a venda de comidas típicas do sul estadunidense e bailados de *country music*, com dançarinos vestidos à moda da época da Guerra de Secessão.

Há alguns anos os movimentos negros do Brasil, principalmente a UNEGRO (União de Negros pela Igualdade), tem feito atos à entrada do festival, alertando para a correlação entre a bandeira dos confederados e os movimentos racistas nos Estados Unidos. Em 2015 houve um debate público envolvendo ativistas negros e a Fraternidade Descendência Americana, que nega qualquer defesa da entidade ao racismo e a relação da bandeira com os movimentos racistas estadunidenses. Para a fraternidade, excluir a bandeira das comemorações e sua vinculação com o grupo está fora de cogitação.

John Sims, como afirma na entrevista abaixo, está desde 2014 tentando fazer sua performance *Nationwide Burning*, no Brasil. Sua ideia original era utilizar os museus das cidades de Americana e de Santa Bárbara d'Oeste. Porém, não teve sucesso nas negociações. Com essa impossibilidade, o artista tem buscado outros espaços no país onde possa apresentar o seu trabalho. Para Sims, o processo de cura das feridas do racismo no seu país, e aqui, no Brasil, requer a suplantação dos ícones da simbologia racista, que ainda persistem em terras brasileiras, através do hasteamento da bandeira dos confederados no interior paulista. Assim, nesse contexto, para que a catarse antirracista ocorra, a destruição (a queima) ou a ressignificação (a recoloração da bandeira com cores pan-africanistas) precisa ser feita lá (Estados Unidos) e aqui também. Nas linhas que seguem, John Sims nos conta sua trajetória e sua luta antirracista através da arte matemática, conceitual e política; fala rapidamente sobre sua percepção sobre a violência policial e a situação do COVID-19 entre os afro-estadunidenses.

FABIANA MENDES – Você tem uma trajetória interessante, passando pela matemática até a concepção de produção multimídia, que parece ir além da ideia de uma mera intervenção artística. Como tem sido essa sua caminhada profissional? Quais são as inspirações para sua trajetória?

JOHN SIMS – Enquanto estudava matemática na faculdade, comecei a fazer arte. Depois, lecionei em uma faculdade de arte, onde criei um currículo de matemática para estudantes de arte. A partir daí, comecei a me concentrar em fazer arte matemática e curar uma série de exposições de *MathArt*. O trabalho de *MathArt* se tornou a base do meu projeto *Ritmo da Estrutura*. Mais tarde, comecei a trabalhar em performance, poemas em vídeo e filmes experimentais. Em um certo momento, fiquei interessado nos símbolos da supremacia branca, particularmente na bandeira Confederada e na iconografia da escravidão americana, levando ao meu projeto *Proclamação de Recoloração*. Esse trabalho me levou a criar o John Sims Projects, um laboratório de arte para a pesquisa e criação de trabalhos em sistemas de grande escala que exploram ideias em matemática, música, natureza, amor e busca da justiça humana.

Eu tenho sido inspirado por muitas coisas e pessoas. Do lado da matemática, Pitágoras e sua escola de pensamento e prática interdisciplinares; do lado da arte, Da Vinci, MC Escher, Joseph Beuys e Sol LeWitt. Do lado da literatura e da performance, estão as palavras de James Baldwin e o humor provocador de Richard Pryor. E no lado político, há Martin Luther King Jr., Malcolm X, Harriet Tubman e o espírito da Revolução Francesa. No entanto, é a interseção da estrutura limpa e da verdade da matemática, a mágica da expressão criativa e a política da justiça social que mais inspiram minha humanidade. Tudo mais flui disso.

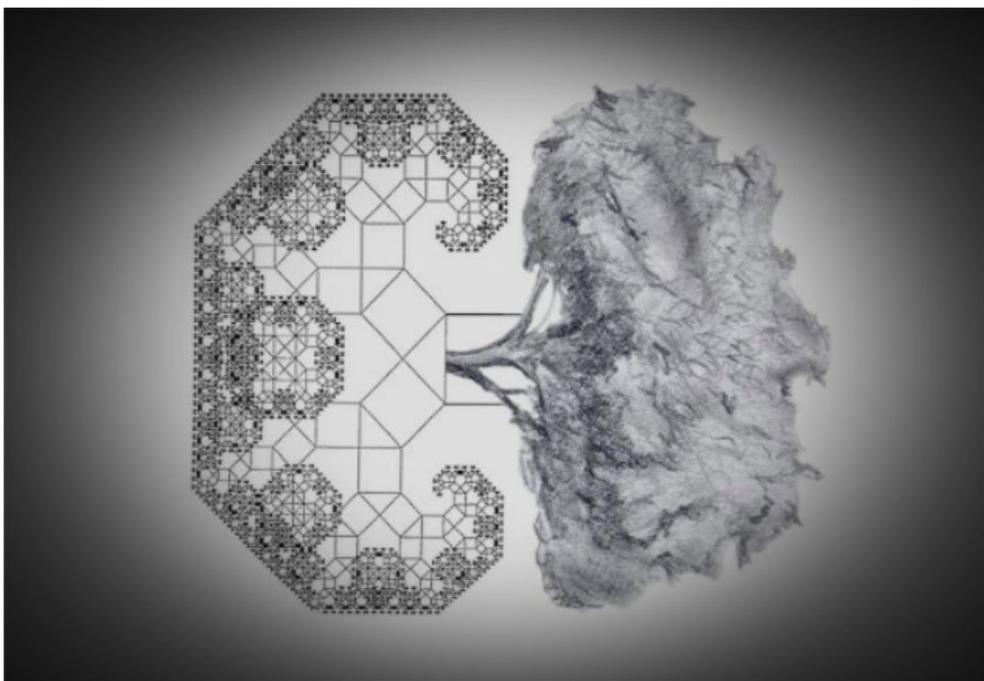


Figura 1: My MathArtBrain, John Sims, 1999³

³ Imagens cedidas pelo entrevistado.

FM - Você poderia citar obras e outras (os) artistas negras (os), cujas obras você admira e que inspiram seu trabalho?

JS - Eu me inspiro na arte conceitual de David Hammonds, na arte política de Dread Scott, no trabalho de tecido de Sonya Clark, na arte sonora do DJ Spooky, também conhecido como Paul D. Miller, nas pinturas geométricas de Joe Overstreet e na série de migração de Jacob Lawrence.

FM – Sabemos que a matemática é a linguagem pela qual os fenômenos naturais são expressos. De outro lado, temos as artes visuais, que, a priori, não responde a algoritmos de forma direta. Qual a relação entre essas duas áreas para você? Como a matemática te auxilia na produção artística e vice-versa?

JS – Matemática e arte são parâmetros da cognição humana que moldam o processo e a experiência da realidade ao nosso redor. Ambos nos dotam da capacidade de “ver” além da superfície da ótica biológica, e ver a alma e a estrutura das coisas, capturando um ritmo em que as formas do físico e as ideias da metafísica dançam em harmonia. Para mim, o processo de linguagem e pensamento da matemática informa meu trabalho em um nível fundamental, dando-me acesso a uma realidade conceitual a partir da qual posso recorrer a estruturas e sistemas que me ajudam a criar um trabalho que examina e responde ao mundo ao nosso redor. A arte e o processo de visualização me ajudam a entender a matemática em um nível mais profundo, inspirando a criação e a descoberta de novas conexões matemáticas. Essas duas partes se cruzam como *MathArt*. Um estilo de vida cognitivo e espiritual é a base da minha prática criativa e perspectiva política.



Figura 2: Burn, Recolor and Hang, John Sims, 2017

FM - Nas últimas semanas temos visto várias manifestações a respeito da violência do Estado contra a população negra, iniciadas no evento de assas-

sinato de George Floyd nos Estados Unidos. Como você avalia a repercussão desse evento, que chegou a outros países, como o Brasil, por exemplo?

JS - Eu posso ver esses eventos inspirando ativismo e compreensão crítica de como a polícia é usada para oprimir especialmente os pobres e os negros. Eu posso imaginar que a polícia brasileira está muito preocupada e com medo de que os negros e pardos encontrem seu poder e se levantem contra um estado policial, uma cultura de supremacia branca e um sistema de segregação socioeconômica. Por essas razões, receio que os que estão no controle de países como o Brasil se mobilizem para reprimir os protestos negros e monitorar a crítica intelectual.

FM - Nós sabemos que essa violência promovida e praticada deliberadamente pelos braços armados do Estado não é algo recente, mas é algo que está sendo registrado e divulgado de forma mais rápida e sem a censura pelos meios de comunicação. O que você acha que vai acontecer com as lutas raciais num futuro próximo? A internet tem o poder de favorecer o desmonte do racismo estrutural e sistêmico?

JS - A tecnologia é um instrumento organizador tão importante. #ProtestWhatever é uma arma moderna na criação de foco e ativismo, especialmente em questões raciais, de gênero e outras. #blacklivesmatter é o exemplo perfeito. Internet, Facebook, Instagram, hashtags e petições online são formas vitais de mobilizar os jovens para a ação. As lutas raciais estão aqui para ficar, até que o preto e o pardo passem a possuir e a controlar os espaços centrais da produção cultural, política, acadêmica e econômica. Devemos possuir terras, prédios, bancos e parte da mídia.

FM - Ainda sobre o racismo estrutural e sistêmico, temos visto que nos EUA há um grande número de negros vítimas fatais do COVID-19. Como está a situação da comunidade afro estadunidense efetivamente aí no seu país? Há de fato um grande número de negros vitimados por essa doença? Se sim, por que isso tem ocorrido na sua avaliação?

JS - A situação é real, especialmente para os negros. Meu tio morreu de complicações do COVID-19. Escrevi sobre o Coronavírus e os negros para "thegrio.com" com um colega escritor: David Love, antes de tudo ficar louco. E, como previsto, o povo negro dos EUA foi desproporcionalmente impactado pelo Covid-19. Por exemplo, em algum momento do início da pandemia, foi relatado que as mortes por COVID-19 em cidades como Detroit, Nova Orleans, Milwaukee e Chicago atingiam 73% dos afro-americanos. Esses números são loucos. Por que é isso? Portanto, se você acrescentar condições pré-existentes de saúde da população negra (como: diabetes, pressão alta e obesidade) ao racismo dos médicos e aos problemas de habitação, terá um coquetel para o desastre. Outro fator é que os negros estão em maior número nos empregos ditos essenciais, onde eles têm maior exposição ao vírus. O Dr. Fauci, um dos maiores especialistas nos Estados

Unidos em doenças infecciosas e ex-consultor do Trump para a resposta do país para o COVID-19, admitiu, no Comitê de Energia e Comércio da Câmara, ouvir que o racismo contribuiu para o impacto desproporcional na comunidade afro-americana. Daí dá pra você ter uma ideia...

FM - Pensando sobre a sua proposta de cura do racismo através das expressões artísticas, o que mais poderia ser feito no campo das artes? O Estado e sociedade civil poderiam colaborar de que forma?

JS - O importante é ter espaço para expressar. Muitas vezes, a arte pode “ver” questões e problemas futuros. E a arte também pode ajudar com a cura após o fato. Mas na luta, a arte tem que ser extremamente poderosa para comandar a atenção e o espaço para reflexão e inspiração. E, às vezes, especialmente nesses tempos, é melhor que o Estado e os elementos da sociedade civil, como a comunidade artística, não colaborem. A arte e o artista precisam de espaço e coragem para encontrar o caminho, a linguagem e o discernimento para falar a dura verdade complicada.

FM – Boa parte da sua produção nos últimos anos se refere a um momento nevrálgico na história nacional estadunidense: a Guerra de Secessão. Há bastante referência à bandeira dos confederados e, em uma das suas obras, a queima dessa bandeira. Qual sua intenção com essa temática? Como tem sido a repercussão nos Estados Unidos da América?



Figura 3: Left: Confederate Gothic, 2004, Right: The Proper Way to Hang a Confederate Flag: Ohio U., 2017 by John Sims

JS – Como nativo de Detroit, uma cidade predominantemente negra, não vi muitas bandeiras confederadas na vida real. Para mim, essa bandeira não é um sím-

bolo do orgulho do sul, mas um símbolo do orgulho branco do sul, supremacia e vergonha de perder a Guerra Civil. No final dos anos 90, houve um grande problema na Carolina do Sul sobre a bandeira da Confederação sendo posicionada na cúpula do edifício do Capitólio. Em resposta a isso, comecei a recolorir as bandeiras confederadas nas cores pan-africanas (vermelho, preto e verde) em vários shows no Soho e Harlem, além de Gettysburg, onde ocorreu a maior batalha da Guerra Civil. A peça que apresentei lá, "A maneira correta de pendurar uma bandeira confederada", inspirou um enorme clamor nacional dos Filhos dos Veteranos confederados.

Essa reação foi intensa e, como resultado, os elementos da exposição foram suprimidos ao ponto que boicotei meu próprio show. Em 2015, para o aniversário de 150 anos do fim da Guerra Civil, organizei 13 funerais de bandeira confederada no Memorial Day, com poetas, artistas e ativistas comunitários de cada um dos 13 ex-estados confederados. Cerca de três semanas depois, nove pessoas foram mortas em uma igreja em Charleston, Carolina do Sul, pelo racista Dylann Roof. Em resposta a isso, organizei uma queima nacional da Bandeira Confederada, em 4 de julho, Dia da Independência. Este evento evoluiu para o evento anual *Burn and Bury*.

A intenção com este trabalho evoluiu de confrontar meus medos pessoais em relação a esta bandeira para organizar uma resposta coletiva. Com "Queimar e enterrar", quero enviar uma mensagem de que a Guerra Civil acabou, e a bandeira da Confederação e a supremacia branca serão confrontadas. Também quero comemorar os soldados da justiça social que lutaram contra a escravidão, aqueles que lutaram pelos Direitos Cívicos e aqueles que continuam a lutar contra a supremacia branca institucional e cultural contemporânea. É hora de pegar a bandeira confederada e usá-la como um símbolo da ação catártica, dando origem a um novo ritual para todos se envolverem: um espaço de cura e transformação.



Figura 4: Down South Americana, John Sims, 2020

FM – Soubemos que você tem tentando expor seu trabalho no Brasil, pois uma das cidades brasileiras, Americana, localizada no interior paulista, foi “fundada” por migrantes estadunidenses, durante a Guerra de Secessão, pertencentes ao grupo dos confederados. Por que você quer fazer essa exposição no país? Como tem sido a negociação para expor esse seu trabalho?

JS – Em algum momento depois da minha apresentação em Gettysburg, em 2004, descobri a história da cidade de Americana e como ela foi fundada a partir de fugitivos confederados após a Guerra Civil, a convite do imperador Dom Pedro II, de Portugal, que estava interessado no fortalecimento da indústria do algodão no Brasil. Achei essa cidade e sua conexão com o Alabama e a Confederação interessantes, especialmente porque minha família é do sul dos Estados Unidos, então comecei a pensar em maneiras de trazer algum trabalho de *Proclamação de Re-coloração* para lá, como uma maneira de compartilhar o outro lado da história da herança confederada em termos da experiência afro americana e da escravidão nas Américas. Em 2014, iniciei um diálogo com um espaço de museu em Americana sobre a realização de uma exposição e a apresentação da minha bandeira afro-confederada como um presente para a cidade em memória dos escravos americanos e brasileiros que sofreram sob o poder desses ex-patriotas confederados. Devido a reformas, cortes no orçamento posteriores e possivelmente outros motivos, a exposição nunca aconteceu.

Em 2016, me juntei à incrível Roberta Estrela D’Alva, uma poeta e artista performática brasileira. Depois de muitas conversas, convidei-a para responder a uma das minhas faixas do CD *AfroDixieRemixes*. Este projeto foi criado para examinar subversivamente o hino da Confederação, “Dixie”, remixando, remapeando e se apropriando de uma coleção de 14 faixas nos diversos gêneros da música negra: espiritual, blues, gospel, jazz, funk, calypso, samba, soul, R&B, house e hip-hop. Roberta traz uma poderosa expressão e percepções sobre essa história amplamente desconhecida de Americana, conectando as lutas de escravos de ascendência africana nos EUA e no Brasil através de elementos de um remix de samba / bossa nova Dixie.

FM – Para finalizar, gostaríamos de saber qual sua percepção, como estadunidense, sobre as relações raciais no Brasil?

JS – Nunca tendo estado no Brasil, minha visão é certamente limitada. No entanto, sinto nas minhas discussões com meus amigos e colegas brasileiros que o racismo, o colorismo e a supremacia branca estão tão vivos e prósperos quanto aqui nos Estados Unidos. Tenho certeza de que a divisão de classes, a história da escravidão, a política de raça mista e a contínua opressão dos nativos compõem os problemas e a jornada para a equidade e a inclusão e tal jornada é muitas vezes insuportável e traumatizante.

Considerando que as pessoas de ascendência africana são a maioria no Brasil, elas parecem invisíveis dos espaços e lugares de poder. Isso é inacreditável, principal-

mente se você pensa em um Brasil sem pessoas negras e pardas. Quando você acrescenta a brutalidade policial, a violência armada e as disparidades econômicas que afetam nosso povo nos dois países, devemos chamar atenção, devemos engajar ideias, palavras e ação. Embora existam algumas diferenças nas relações raciais no Brasil e nos EUA, há uma resistência coletiva e criativa semelhante que foi empreendida contra o profundo colonialismo e a escravidão e que moldaram nossos caminhos paralelos rumo à liberação psicológica e material. Fico encorajado pelo trabalho que está sendo feito no Brasil para abordar algumas dessas preocupações e sou solidário com esse momento persistente. Eu saúdo a memória de vida e obra da ativista assassinada Marielle Franco e de todos os demais trabalhadores empenhados na justiça social brasileira, enquanto continuamos nessa jornada global e na luta por cura, pela autodeterminação negra e por um mundo justo e livre de supremacia branca.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AGUIAR, L. **Imigrantes norte-americanos no Brasil: mito e realidade, o caso de Santa Bárbara**. Dissertação (Mestrado em Economia) – IE, – UNICAMP, Campinas – SP, 2009

BRASHER, J.P. "Contesting the Confederacy: Mobile memory and the making of Black Geographies in Brazil". **FOCUS on Geography**. Accepted for publication on August 8, 2019

www.focusongeography.org/publications/articles/brazil_confederacy/index.html (acesso 02/06/2020)

BRITO, L. C. "Um paraíso escravista na América do Sul: raça e escravidão sob o olhar de imigrantes confederados no Brasil oitocentista". **Revista de História Comparada** – Rio de Janeiro, v. 9, n. 1, p. 145-173, 2015

DAWSEY, J. C.; DAWSEY, C. B. (Org.); DAWSEY, J. M. (Org.). **Americans: Imigrantes do Velho Sul no Brasil**. Piracicaba: Editora Unimep, v. 1, 2005.

GUSSI, A. F. **Identidades no contexto transnacional: lembranças e esquecimentos de ser brasileiro, norte-americanos e confederados de Santa Bárbara d'Oeste e Americana**. Dissertação (Mestrado Ciências Sociais) – IFCH, UNICAMP – Campinas – SP, 1996.

SILVA, C. A. A. **Capitalismo e escravidão: a imigração confederada para o Brasil**. Tese (Doutorado em Economia) – IE – UNICAMP – Campinas – SP, 2011.

ZORZETTO, A. F. **Propostas imigrantistas em meados da década de 1860: a organização de associações de apoio à imigração de pequenos proprietários norte-americanos de uma colônia**. Dissertação (Mestrado em História) – IFCH, UNICAMP – Campinas – SP, 2000.